

Bruno Nzinga Ribeiro²

Unicamp/Brasil

Palavras-chave: Migrações; Diferenças; Gênero; Sexualidade; LGBT.

Introdução

“*Meu visto foi negado*”. Esta foi a resposta enfática de Wendel quando eu o questioneei sobre experiências de sofrimento e violência, eixo das entrevistas que eu conduzia com lideranças da cena preta LGBT³ de São Paulo, tema da minha pesquisa de mestrado. Ele narrou sua frustração como um trauma que persistia até aquele momento, o que era visível na sua voz tremula na agitação em apresentar a sequência dos acontecimentos:

(...) um ano depois de entrar no Outback, minha irmã me incentivou a participar do programa de intercâmbio ACM, a Associação Cristã de Moços. Lá no exterior é YMCA [sigla para Young Men's Christian Association] e da música [uma canção famosa do grupo musical Village People]. Era um programa de intercâmbio, e como eu tinha feito um curso de hotelaria e turismo, especializado em recreação infanto-juvenil (...). Este programa de intercâmbio ia me levar para um acampamento de verão em algum dos estados dos Estados Unidos. Na fase final era fazer toda documentação. Fiz o passaporte e cheguei no consulado com o vínculo pra tirar o visto J1. Meu visto foi negado”. (Trecho de entrevista concedida em setembro de 2019, com destaques meus entre colchetes)

O posto de trabalho e o curso educacional de Wendel foram considerados vínculos frágeis e, portanto, justificativa para indeferirem seu pedido de visto. Semanas adiante, ele retornou para o consulado, após despender mais dinheiro com uma nova solicitação, todavia teve o visto indeferido com base na justificativa anterior. Tal situação “*foi mais traumática*” pois ele teve que lidar com o constrangimento de ter sido “*a primeira pessoa da associação a ter o visto negado*”.

Na visão de Wendel, sua formação educacional em inglês, a qual ele considerava “*tardia*” e de nível “*intermediário*” e ser uma “*bicha preta, pobre usando seus cabelos trançados*” com gestos e movimentações femininas surgiram como possíveis explicações para a recusa. Ele também se questionou se os agentes do consulado compreenderam seu estilo como o de alguém “*muito americanizado*”, de

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 06 de setembro de 2022.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e pesquisador discente no Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, ambos na Unicamp. Contato: brunonzingaribeiro@gmail.com.

³ Durante o mestrado, dediquei-me à compreensão da emergência de uma “*cena preta LGBT*” na cidade de São Paulo e de suas conexões, atentando inclusive para o trânsito de informações, ideias e pessoas entre o Brasil e Estados Unidos nesse processo. Naquela ocasião, optei por identificar o conjunto de relações que investigava a partir da categoria de “*cena preta LGBT*”, que surgia como categoria êmica no campo no qual me inseria.

uma pessoa “*apaixonada pela cultura americana*” e que poderia desembarcar e não mais retornar, isto é, viver nos Estados Unidos em “*situação ilegal*”.

Na semana posterior à entrevista, fui ao mesmo consulado em São Paulo, com a experiência narrada por Wendel como acompanhante. Naquele momento, eu me preparava para um período de vivência nos Estados Unidos, em razão de um estágio de pesquisa de mestrado na Universidade de Nova York. Ansioso, aguardei nas longas filas defronte às cabines das entrevistas, mentalizando as minhas respostas e observando as pessoas ao meu redor. Ansioso, aguardei nas longas filas defronte às cabines das entrevistas, mentalizando as minhas respostas e observando as pessoas ao meu redor. Ali, meus pertencimentos e minha trajetória familiar (sem resquícios de experiência de viagem para o exterior) mesclavam-se à minha condição de estudante de pós-graduação, à minha desenvoltura com a língua inglesa e aos documentos emitidos por uma agência de fomento à pesquisa e uma universidade americana, o que abria certa margem de negociação frente à burocracia de controle migratório. Mesmo sem produzir pesquisa com foco nas migrações, eu já entendia os deslocamentos como um lugar fértil para compreensão de como desigualdades são produzidas e reificadas.

Atento à burocracia, à fronteira e aos meus próprios percursos, cheguei aos Estados Unidos imerso em diferentes redes: a começar pelas universidades e centros de pesquisas e eventos de sociabilidade entre estudantes, depois pelos lugares de sociabilidade autodenominados como voltados para pessoas *QTPOC* (*Queer and Trans People of Color*). Nestas redes, conheci Ivo, um sujeito de 26 anos que abandonou o curso de engenharia e migrou para Nova York junto a uma americana que ele havia conhecido no Brasil. Naquele momento, Ivo aguardava seu “*greencard*”, o visto de residência permanente, para dar início ao processo de divórcio. Ele trabalhava numa cafeteria e investia em treinos de musculação— sua intenção era “*ficar bombado*” para poder exercer a profissão de barman, o que seria uma profissão “*mais divertida*” e mais bem remunerada.

Além de circular por essas redes de sociabilidade em companhia de sujeitos com diferentes status jurídico, estabeleci contato com brasileiros que trabalhavam em bares, alguns deles com uma remuneração muito abaixo do piso mínimo por hora determinado pela lei de Nova York. Meu contato com estas pessoas ocorreu por intermédio de meu companheiro de casa, Junior, um brasileiro “*branco entre aspás*”, como ele mesmo dizia. Ele trabalhava como *barback* (assistente de bar) em duas boates, ainda que, na prática, desempenhasse o “*trabalho do barman*”⁴. Após “*ascender socialmente*”, já que

⁴ Há uma complexa relação entre trabalho, gênero, nacionalidade e migração. Em Nova York, usualmente os migrantes latinos, incluindo os brasileiros, exercem serviços de baixa remuneração, como serviços de limpeza em casas, hotéis e restaurantes. Há também hierarquias mais profundas onde mexicanos, nicaraguenses, hondurenhos são menos remunerados

cresceu em uma família pobre do interior do Goiás e “*fazer a vida*” como dono de uma escola de circo no Rio de Janeiro, divorciou-se de marido empresário com quem cultivou mais de dez anos de casamento, vendeu seus bens e migrou para “*trabalhar com arte ganhando em dólares*” e “*arranjar um marido americano*” – o que significaria possibilitar uma mudança na sua condição de migrante indocumentado.

Um outro companheiro de casa, André, se identificava como negro e, diferente de Júnior, trabalhava apenas com serviços de cozinha. Seu foco era guardar dinheiro e partir para outro país da Europa. Ele dizia não possuir “*um perfil*” que o possibilitasse arranjar um “*sugar daddy*”⁵, mas pelo menos era “*esperto pra aproveitar a vida*”. O “*perfil*” que ele se referia é de um corpo valorizado (branco, magro e másculo), já a “*expertise*” seria a capacidade de “*fazer dinheiro*”, e, principalmente, “*não se queimar*” com a burocracia. Nas palavras dele, “*não ficar ilegal*”. André se vangloriava da quantidade de países que ele já morou e sobre como passava incólume pelas barreiras legais. Quando o conheci, morava em Nova York com status jurídico de turista, mas negociando socialmente a imagem de residente com permissão. Naquele momento, planejava voltar ao Brasil, ir novamente para a Europa e no ano seguinte retornar aos Estados Unidos com o seu visto de turista onde, por mais três ou seis meses, acumularia dinheiro para possibilitar sua circulação por outros países. Isso significaria “*mais carimbos*” em seu passaporte, alimentando um ciclo que lhe garantia mobilidade.

Ao me engajar em redes e relações com brasileiros nos Estados Unidos, os assuntos envolvendo documentos, mercado matrimonial, trabalho e restrição a brechas no controle migratório se tornaram parte do meu cotidiano. Meus interlocutores demonstravam uma certa expectativa em torno das minhas decisões, dado que a todo momento eu era aconselhado a “*aproveitar minhas relações*”, “*conseguir um greencard*” e “*fazer a vida na gringa*”. Ao mesmo tempo que pareciam lidar com questões comuns aos vários coletivos migrantes nos Estados Unidos, suas circulações e estratégias entrelaçavam-se com as questões relacionadas a sexualidade e gênero, especialmente porque navegavam por redes de relações marcadas por uma sociabilidade denominada amplamente de *queer*, e que se irradiava a partir de bares, boates e redes ativistas.

em relação a migrantes de outras nacionalidades. Brasileiros são referências nos serviços relacionados à estética, por exemplo. No caso de Júnior, não possuir uma certificação profissional e não ser tão desenvolvido na comunicação em inglês o impedia de ser remunerado como *barman* e, por consequência, receber a totalidade das gorjetas da noite, o que significaria algo em torno de dez vezes o valor que ele era remunerado em uma noite.

⁵ Aqui, *sugar daddy* significa um homem mais velho disposto a pagar ou presentear outrem (quase sempre com idade inferior, também chamado de *sugar baby*) em troca de uma relação afetivo-sexual.

As experiências que aqui descrevo despertaram minha atenção para um emaranhado de entrecruzamentos de diferenças e desigualdades nas experiências migratórias dos sujeitos, incluindo as minhas próprias. Gênero e sexualidade emergiram nesse contexto como categorias centrais para a compreensão dessas experiências, sendo também constantemente atravessadas por raça e classe social. Tais pertencimentos conformam, assim, os cenários de (i)mobilidades que se apresentam para as redes de interlocutores que constituí, em geral homens jovens que se identificam como *gays* e *bichas* - sendo também *negros*, *brancos* ou mesmo *brancos entre aspas* nas formas como são racializados no exterior.

Assim, as negativas para o visto de Wendel foram lidas como uma reação a sua expressão corporal de *bicha*, *preta* e *pobre*. Ao mesmo tempo, a existência de uma “cena preta LGBT” transnacional possibilitava a outras *bichas* uma mobilidade internacional – da qual como pesquisador dessa “cena” também me vali durante meu estágio no exterior. Por outro lado, *sugar daddies*, *maridos americanos* ou o trabalho como *barman* nos lugares de sociabilidade *queer* parecem ser opções para a “fazer a vida na gringa” – as quais dependem também de habilidades e características corporais particulares. É a partir dessas redes que estabeleci com pessoas que migraram, tentaram e tentam migrar e de sujeitos que vivem nos Estados Unidos que busco elaborar uma tese de doutorado sobre a produção de diferenças e desigualdades nos projetos migratórios e nas (i)mobilidades de brasileiros nos Estados Unidos, com especial atenção às articulações entre sexualidade, gênero e raça nos contextos que envolvem “fazer a vida na gringa”.

Antes de passar à justificativa e enquadramentos analíticos, é importante mencionar que não considero que esteja tratando propriamente de uma experiência “migrante LGBT” universal: assim como as trajetórias migrantes são muitas e diversificadas, também as experiências relacionadas às identidades sexuais e de gênero dos sujeitos são múltiplas, sendo moduladas inclusive por fatores como raça, classe e nacionalidade. Ao mesmo tempo, a literatura de referência e minha própria experiência prévia de pesquisa me permitem afirmar que as regulações, mercados, direitos e ativismos relacionados a “LGBT” proporcionam contextos singulares de constrangimento, agenciamento e circulação de migrantes que se identificam como *gays*, *bichas*, *sapatões*, *trans*, entre tantas outras categorias que compõem o universo de relações que estabeleci durante o mestrado. No desenrolar da pesquisa, e ciente de que as categorias não operam aqui como descritivas da diversidade de práticas e identidades dos sujeitos, opto pela categoria de “brasileiros LGBT” de modo a conferir inteligibilidade ao meu recorte empírico e a demarcar a importância que sexualidade e gênero desempenham na minha pesquisa.

Nas últimas décadas, um “mundo globalizado” marcado pelo multilateralismo tem reconfigurado enormemente as migrações e deslocamentos. Se, por um lado, a maior circulação de bens, serviços e informações aponta para a centralidade das redes de cooperação internacional e das alianças cunhadas numa geopolítica global, por outro, o endurecimento das políticas anti-imigratórias dificulta a circulação de pessoas, produzindo um cenário de precariedade no qual as (i)mobilidades desempenham papel central⁶. Esse cenário, agravado pelas restrições impostas pela pandemia de COVID-19, compõe o pano de fundo do momento inicial desta pesquisa, em que o tema das migrações de brasileiros para os Estados Unidos tem ganhado cada vez mais atenção, pelo aumento exponencial do número de brasileiros que tentam migrar por meio de rotas ilegais, difíceis e perigosas e pelas detenções desses migrantes nas fronteiras⁷. Os números são propagados pela imprensa brasileira que se concentra no aumento das detenções, no anúncio da obrigatoriedade de vistos para se viajar ao México e no fluxo de voos comerciais com brasileiros deportados. Enquanto isso, a imprensa americana tem destacado a notável presença brasileira entre os migrantes detidos na fronteira entre os estados de Baixa Califórnia e de Sonora (estados do norte mexicano) e os estados da Califórnia e, principalmente, do Arizona (no sudoeste americano), e também as falas do senador republicano Lindsey Graham sobre a atual migração de brasileiros⁸.

Apesar da crise ser propagada a partir dos relatórios sobre as detenções e os escândalos de violação de direitos na fronteira terrestre com o México, não se pode ignorar os impactos sobre a vida dos migrantes brasileiros nos Estados Unidos, sobretudo aqueles que estão indocumentados, e também daqueles que planejam migrar⁹. A inédita cooperação do Estado Brasileiro para facilitar a deportação de

⁶ As “contradições da globalização”, como aponta Didier Fassin (2011), são cada vez mais visíveis pela consolidação do policiamento das fronteiras, que sofre um progressivo processo de aperfeiçoamento, e pela renovação de limites racializados que atravessam de forma dramática as experiências dos imigrantes. Com efeito, a produção de “limites” da atual governabilidade das migrações pelos países do Norte Global produziu uma série de regras que regulam “estatutos de proteção” restritos, como asilo e refúgio, e produzem um aparato de vigilância que cria uma massa de “imigrantes ilegais”.

⁷ De acordo com o *US Customs and Border Protection*, órgão estatal americano responsável pela Alfândega e controle fronteiriço, o crescimento de detenções de brasileiros é de 700%, totalizando quase sessenta mil detenções apenas na fronteira sul com o México. Os números são correspondentes ao ano fiscal de 2021 (que terminou no mês de setembro) e acompanham o crescimento geral de detenções nas fronteiras norte-americanas. Os usos desses dados na mídia, bem como uma interpretação mais detida desses índices, fogem ao escopo desta pesquisa, mas vale mencionar que fazem parte do aparato destinado ao controle de fronteiras na gestão migratória do Estado, ou seja, não se prestam a uma leitura de todo ingênua.

⁸ O senador tem sido voz ativa sobre o tema das migrações, advogando pelo aumento do controle e denunciando uma suposta “leniência” do governo Biden sobre o tema. Mais informações, ver em: https://www.washingtonpost.com/politics/graham-immigration-brazil/2021/10/13/2abe389e-2c49-11ec-985d-3150f7e106b2_story.html (último acesso em 28 de Outubro de 2021).

⁹ Em artigo publicado em 2008, Assis aponta que cerca de 86% de seus interlocutores, migrantes brasileiros provenientes da região de Criciúma (SC) que viviam em Boston (cidade do nordeste dos Estados Unidos) não tinham status jurídico regular. De acordo com o Pew Research Center, em 2019, o número de migrantes que vivem nos Estados Unidos é de cerca de 44,5

seus cidadãos e os casos cada vez mais recorrentes de detenção de sujeitos indocumentados nas cidades americanas levou a um clima de grande apreensão entre os migrantes. Não raro, migrantes brasileiros que eu conheci em Nova York relataram os momentos de pânico devido aos rumores de uma espécie de “pente-fino” nas comunidades estrangeiras e de uma política de expurgo de sujeitos indocumentados que seriam capturados em suas casas e postos de trabalho. As detenções, deportações e aumento das restrições para circulação são exemplos da manutenção das políticas de controle migratório, mesmo após a mudança do governo americano, agora liderado pelo democrata Joe Biden¹⁰.

Tal aperfeiçoamento das políticas securitárias e os ascensos dos fluxos de brasileiros que migram para os Estados Unidos tem um histórico conturbado. Em estudo pioneiro sobre migrantes brasileiros nos Estados Unidos, a antropóloga Maxine L. Margolis (1993) destaca que ainda na década de 1980 as estimativas sobre migrantes brasileiros que viviam nos Estados Unidos partiam de dados bastante imprecisos, como resultado da pouca visibilidade daquele segmento nacional nos interesses governamentais e acadêmicos daquele momento. A baixa proporção de brasileiros frente a migrantes falantes de espanhol também atuava como um fator que invisibilizava a experiência brasileira na América, consolidando em um primeiro momento uma migração “secreta e silenciosa”.

Até o início dos anos 2000, essa relativa invisibilidade da migração brasileira, se comparado a outras nacionalidades, fez com que a imagem de mexicanos, guatemaltecas, cubanos e demais migrantes da América Latina prevalecessem no imaginário sobre este tipo de travessia. Tal quadro mudou a partir da exibição da telenovela “América”¹¹ e seu enredo sobre a experiência de migração da personagem

milhões de pessoas, o que representa 13,7% da população, destes 45 milhões, 77% considerados autorizados (55% são cidadãos naturalizados, cerca de 20 milhões, 27% possuem direito de residência permanente, cerca de 12 milhões e 5% possuem residência temporária, cerca de 2,2 milhões); já 23%, cerca de 10,5 milhões de pessoas, são migrantes indocumentados. É importante frisar que os números variam de acordo com a nacionalidade e a região dos Estados Unidos. Ver: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/08/20/key-findings-about-u-s-immigrants/> (último acesso em 28 de Outubro de 2021). Em 2019 o Migration Policy Institute lançou um estudo com um panorama sobre a migração de brasileiros nos Estados Unidos; até 2017 há uma estimativa de 450 mil brasileiros que migraram para os Estados Unidos, dentre os quais, cerca de 100 mil estão indocumentados, os dados estão disponíveis em: <https://www.migrationpolicy.org/article/brazilian-immigrants-united-states-2017> (último acesso em 28 de Outubro de 2021).

¹⁰ Inderpal Grewal (2005) argumenta nessa direção que os discursos que se hegemonizaram após os ataques de 11 de setembro de 2001 não são rupturas, mas, sim, uma continuidade das práticas neoliberais, mais exatamente de um “nacionalismo neoliberal americano” que, por um lado, emerge na relação entre biopolítica e geopolítica e, por outro, alça a “América como nação” a um lugar primordial de articulação de raça e gênero. Para a autora, neste caso, devemos “entender os sujeitos genericados e racializados não como projetos autônomos de resistência, mas como sujeitos que se desenvolvem em relação às modernas instituições reguladoras e disciplinares” (2005, p. 197, minha tradução). Desta maneira, raça e gênero não constroem apenas representações nacionalistas, mas também representações de outras nacionalidades transnacionalmente, por meio de um forte aparato estatal e da mídia.

¹¹ Exibida em 2005 pela TV Globo, esta novela tinha como enredo principal a tentativa da personagem Sol de migrar para os Estados Unidos. O folhetim ficcional em torno dos sonhos e riscos da travessia por meio da fronteira dos Estados com o México trouxe as experiências de migração de brasileiros para os Estados Unidos para um grande público. É até hoje uma

principal que chegou aos Estados Unidos junto a coiotes, na fronteira. Nesse contexto, Glaucia Oliveira Assis (2008) argumenta que as travessias ilegais pela fronteira entre Estados Unidos e México na primeira década dos anos 2000 resultam do aumento da vigilância e das restrições sobre migrantes. Assim, a “América” como a “terra das oportunidades” passou a se apresentar como quase intransponível para aqueles que buscavam melhores condições de vida, mas que não são entendidos como “imigrantes desejados”. Segundo a autora, a experiência tenebrosa se desdobrava diferentemente em termos de gênero: enquanto seus interlocutores homens relatavam a bravura e a resiliência em atravessar rio e deserto despistando o controle fronteiriço, as mulheres destacavam a dura experiência do assédio e do risco de violação de seus corpos durante a travessia¹².

A partir da literatura de referência, podemos dizer que houve pelo menos duas ondas migratórias de brasileiros para os Estados Unidos: a primeira, nos anos finais da década de 1980, momento de grave crise econômica no Brasil; a segunda, na primeira década dos anos 2000, momento de maior controle migratório pós-ataques de 2001 e implementação do visto para brasileiros ingressarem no México. Não é implausível que estejamos diante de um terceiro momento, que ocorre em 2021 após o registro de quase 60 mil brasileiros detidos na fronteira e em meio a um contexto de pandemia.

Cabe perguntar os efeitos desta crise migratória sobre os planos de quem quer viajar e quais são as estratégias dos migrantes que são diretamente afetados pelo aumento da vigilância, como também se debruçar sobre as experiências daqueles sujeitos deportados ou simplesmente não admitidos¹³. Neste sentido, Glick Schiller e Salazar (2012) oferecem uma contribuição importante, ao tratar de uma multiplicidade de formas de regulação dos deslocamentos em escala global, apontando para como os controles que se apresentam como possibilidades para alguns sujeitos se impõem como barreiras para muitos outros.

Ao mesmo tempo, nas fissuras dos discursos sobre suas próprias histórias e condições, os sujeitos reivindicam, omitem e se deslocam entre os regimes de mobilidades, existindo como migrantes documentados ou indocumentados, turistas, refugiados, asilados, residentes e por outros enquadramentos

obra com forte apelo imagético, sendo responsável, àquela época, pelo aumento no número de brasileiros que tentavam migrar, tal como noticiou a Folha de São Paulo. Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52988.shtml> (último acesso em 28 de Outubro de 2021).

¹² A autora também apresenta as dificuldades extras para brasileiros que vivem em cidades como Criciúma (SC), seu contexto de pesquisa, e Governador Valadares (MG), para conseguirem visto, e mostra as rotas de alguns de seus interlocutores que, após novas restrições no México, tiveram que passar ilegalmente por duas fronteiras— entre Guatemala e México e, depois, a fronteira com os Estados Unidos.

¹³ Destaco o livro “Trajetórias Interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos” (MARINUCCI et al., 2009), uma coletânea de textos divididos em um bloco que analisa os dados coletados pela Polícia Federal sobre brasileiros que foram deportados ou não admitidos e outro bloco sobre a experiência de brasileiros no exterior.

jurídicos que são importantes pelo modo como regulam os fluxos, mas, de certa maneira, tendem a fixar as experiências de deslocamento. Na vida social essas experiências se mostram mais fluidas e instáveis pois os sujeitos navegam entre distintas categorias nas suas trajetórias de mobilidade. Captar essas experiências mais fluidas é um dos desafios da minha pesquisa, que será enfrentado em consonância com achados e reflexões de uma gama de pesquisadores que tem rasurado noções normativas, visibilizando experiências migratórias diversas. Em meio a esse desafio, direciono meu olhar para como as diferenças são reiteradas, desafiadas, deslocadas, enfim, produzidas entre os migrantes a partir de uma análise sobre as intersecções de gênero, raça, sexualidade, classe e outras diferenciações sociais. No próximo item, apresento concedo destaque à literatura sobre migrações e diferenças que inspira o projeto.

Mobilidades e diferença

Desde o fim da década de 1980 tem emergido uma perspectiva de estudos das migrações fortemente imbrincada pela análise das diferenças sociais. Um trabalho seminal na articulação entre migração, gênero, sexualidade e raça é o livro autobiográfico *“Borderlands/La Frontera: The New Mestiza”* de Gloria Anzaldúa (1987). Nele, a autora examina a hibridez e os entrecruzamentos que compõem as experiências nas fronteiras, partindo de sua própria história, de sua família e de sujeitos mexicanos que se deslocavam para os Estados Unidos. Para a autora, muito além de uma categoria geográfica, a fronteira se refere a regiões que não podem ser facilmente distinguidas. Sua própria impossibilidade de ser reconhecida como "totalmente mexicana ou totalmente americana" é um testemunho desse hibridismo. Por meio da poesia ancorada em reflexões teóricas densas, história, família, língua e pertencas raciais e expressões de gênero emergem como crítica às desigualdades impostas pelo colonialismo, mas também como proposta de retomada de si, isto é, de suas próprias incoerências em relação às normas, como forma de se tornar possível entre mundos falsamente cindidos¹⁴.

Os trabalhos de Gloria Anzaldúa (1987) abriram caminho para um conjunto de pesquisas sobre migrações que se dedicam a pensar diferenças e migrações com foco nas articulações envolvendo a diversidade sexual e de gênero. Alguns desses desenvolvimentos podem ser encontrados em estudos relacionados a uma ideia de “diásporas *queer*”, como o livro *“Global divas: Filipino gay men in the*

¹⁴ Destaca-se também a rica contribuição não apenas sobre sua própria experiência ancorada na história de migração familiar, mas também das diferenças entre os sujeitos mexicanos que se deslocam para os Estados Unidos, todavia confrontando-se com racismo e discriminações de toda sorte. Há um enfoque no modo como as violências se perpetuam na relação entre estes países, o que é evidenciado pelas travessias perigosas na fronteira, sobretudo pelas condições vividas pelas mulheres e sujeitos queer.

diáspora”, uma etnografia de Manalansan (2003) sobre a pertença gay vivida por imigrantes filipinos que se deslocaram para Nova York e as reelaborações de modos de ser e viver *queer* às margens das ideias de progresso imputadas pelo capitalismo. No artigo “Diáspora e Hibridismo: identidades queer e o modelo de etnicidade”, no qual Alan Sinfield (1996), por sua vez, traça paralelos conceituais entre a construção de categorias étnico-raciais e categorias relacionadas à afirmação sexual e de gênero, considerando o contexto histórico e político na conformação de grupos minorizados e suas agendas de direitos. Ainda nas articulações entre processos de racialização e uma “leitura queer da diáspora”, Omise’eke Tinsley¹⁵, propõe no artigo “Atlântico negro, Atlântico queer” (2008) uma crítica para apagamentos presentes nas literaturas dos estudos raciais e queer. Tal como Gilroy (2001), a autora concentra sua análise no mar e nos navios que carregavam os africanos para as Américas para compreender a configuração dos sistemas micropolíticos e microsociais da diáspora. Todavia, diferentemente de Gilroy, aponta para a materialidade do corpo e das relações (sexuais e afetivas) entre os africanos sequestrados, como forma de “fazer emergir” a resiliência e os processos de produção de diferenças no contexto da escravidão.

Um outro conjunto de trabalhos pertinentes à proposta de pesquisa que apresento são aqueles que utilizam o conceito de sexílio. Conforme Wasser e França (2021, no prelo), é no fim da década de 1990 que tal conceito começa a vigorar, majoritariamente em estudos sobre as experiências de sujeitos latino-americanos que se deslocam para os Estados Unidos motivados por uma opressão sexual em seus países de origem. Segundo os autores, o conceito de sexílio surge no ano de 1997, no texto *“'Pa' La Escuelita con Mucho Cuida'o y por la O rillita": A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation*” do autor porto-riquenho Manuel Guzmán. Tal texto remonta a trajetória de um club gay de Nova York que era frequentado por latinos. Neste lugar, a maioria das experiências dos sujeitos estavam relacionadas a uma experiência migratória ligado ao medo da violência, à busca pela liberdade para viver sua sexualidade e às dificuldades de integração na cena gay de Nova York. De tal modo,

¹⁵ Tal leitura da diáspora surge como um modo de fazer emergir identidades e relações produzidas nas rotas marítimas. É com essa perspectiva que Omise’eke Tinsley (2008) reúne uma série de histórias eróticas, afetivas e de companheiros, pensando a fluidez das relações entre os corpos negros como resistência às tentativas do colonialismo de aniquilar a humanidade daquelas pessoas. A autora destaca que, nesse contexto, queer não é uma descrição de relações amorosas compreendidas como “gay” ou “do mesmo sexo”, mas, sim, “uma prática de resistência” (p. 199). Assim, a um só tempo, Tinsley (2008) critica os “teóricos heterocêntricos” do campo de estudos de raça, por enquadrar as narrativas de intelectuais queer negros como uma “moda pós-moderna” que apenas “adapta uma teoria queer euro-americana” (p. 193), e “teóricos queer” que, nos idos da década de 1990, produziram teorias que “desnaturalizam convenções de gênero e sexualidade enquanto reificavam o norte global e a branquura não marcada, inicialmente sem referência, como se fossem neutras como água fresca” (p.204). Para além da adesão a essa crítica, a perspectiva da autora é inspiradora porque propõe olhar para diáspora ressaltando sua materialidade, desde a dor profunda até a produção tecnologias afetivas como forma de não sucumbir diante do processo de perversão do escravismo colonial.

autores como Lawrence La Fountain-Stolkes (2004) e Yartínez Martínez-San Miguel (2011) também contribuíram com tal literatura, não apenas descrevendo sexílio como um “exílio sexual”, mas apresentando uma reflexão que borra as ideias de “origem” e “destino”, mostrando como o Estado-Nação se configura por meio de uma heterossexualidade e como a experiência migrante está atrelada às desigualdades raciais, nacionais—confrontando uma leitura ingênua sobre uma comunidade queer transnacional homogênea.

Com efeito, sexílio tem sido importante para visibilizar as experiências de sujeitos com sexualidades não-normativas, não apenas como uma mera descrição de um deslocamento forçado pela repressão sexual, mas, sobretudo, colocando uma lente sobre contextos em que os sujeitos se sentem “estranhos” em suas próprias origens e trânsitos. Ainda acompanhando Wasser e França (2021, no prelo), os estudos que partem da ideia de sexílio tem sido frutíferos para pensar as noções de “pertencimentos múltiplos”, “lar” e “Estado-nação” e oferecem uma contribuição singular para pensar a relação entre mobilidades e diferenças, na maioria das vezes partindo de universos empíricos sobre e a partir de sujeitos latino-americanos.

Outros trabalhos também têm desfeito certos arranjos explicativos, mesmo nas teorias recentes sobre sexualidade e migração. A partir de um texto semi-biográfico, Didier Eribon (2018) remonta seu retorno à cidade de Reims, no interior da França, após três décadas distante de sua família. Neste trabalho, o autor reflete sobre a história operária de sua família, a vergonha que permeava seus laços com tal história e como a diferença de classe foi escamoteada de sua própria narrativa de afastamento de sua origem e de sua família em prol de uma narrativa que alçava “opressão sexual” como única explicação possível. Diante de sua “saída de um armário sexual” o autor diz ter se trancado em um “armário social”, onde a vergonha escondia, mas não apagava sua classe de origem, que persistiu e o fez retornar à Reims—e a si mesmo.

É importante destacar os estudos que têm se esforçado em revisar criticamente o campo de estudos sobre migrações, como no artigo de Martin F. Manalansan (2006), que reúne a literatura sobre migrações e sexualidade, apontando possíveis desenvolvimentos analíticos de uma perspectiva de diversidade sexual e de gênero nesse campo, e também o ensaio de Eithne Luibhéid (2019) sobre o silêncio que circunda as experiências de lésbicas migrantes e refugiadas nas produções acadêmicas.

Parte das produções citadas até aqui são caudatárias de reflexões que romperam com paradigmas que fixavam excessivamente os estudos das migrações. A exemplo disso, Abdelmalek Sayad (1998[1991]) argumentou sobre a necessidade de olhar para as migrações em seu continuum que

relaciona os motivos para migrar e as condições de vida para quem está no deslocamento pois a migração como um “fato social total” pode desvelar as lógicas que estruturam a sociedade, incluindo a ciência e seus teóricos¹⁶.

Esse conjunto de trabalhos que abordo brevemente denota um investimento de pesquisa voltado para o tema das migrações no seu entrecruzamento com diversidade sexual e de gênero, com destaque para sua articulação com raça e nacionalidade. Compreendo que minha perspectiva de pesquisa se alinha a esses esforços. Todavia, é necessário seguir alargando o escopo desse campo de indagação e do próprio campo de estudos de migrações, sobretudo no que se refere a sua articulação com sexualidades e processos de racialização¹⁷. Ao mesmo tempo, é preciso não esquecer uma pergunta fundamental, tal como provoca Angela Facundo Navia (2020) em um artigo sobre aspectos do programa de interiorização de venezuelanos no Brasil, que repousa sobre o entendimento de como a heterossexualidade se constitui como a sexualidade normativa da nação e das práticas que são “produzidas e reproduzidas” pelo Estado (pp.10-11).

Como afirma Martin F. Manalansan (2006) em “*Queer Intersections: Sexuality and Gender in Migration Studies*”, ainda há importantes lacunas e omissões nesse campo no que refere às sexualidades e sua articulação com processos de racialização. Numa análise crítica dessas lacunas, o autor propõe um duplo emprego da noção de sexualidade nos estudos sobre migrações, envolvendo, por um lado, a produção interseccional de identidades e categorias relacionadas a classe e raça na articulação com sexualidade e, por outro lado, um uso inspirado nos estudos *queer* pelo qual se questiona a própria normalização de práticas e instituições heteronormativas. No decorrer da pesquisa de doutorado, essa dupla preocupação configura-se como um desafio a ser enfrentado. A seguir, abordo como essas preocupações relacionam-se à literatura sobre imigrantes brasileiros produzida nas Ciências Sociais no Brasil e no exterior, a qual conforma outro conjunto de preocupações desta proposta.

Migração e diferença: brasileiros no exterior e nos Estados Unidos

¹⁶ Tal argumento de Sayad (1998) surge a partir de um acúmulo de produções sobre deslocamentos de argelinos para França entre 1975 e 1988, deslocando a França, imaginada como um lugar abundante e rico, como um lugar dúbio e de convivência entre exploração de trabalho e a produção de práticas de sobrevivência dos migrantes argelinos, entendidos ora como problemas, ora como coitados que precisaram fugir.

¹⁷ Neste mesmo sentido, Roberto Marinucci (2020), apresentando a coletânea “Pessoas migrantes e refugiadas LGBTI” recém-publicada na Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - REMHU, aponta que apesar da incorporação de debates sobre raça, gênero e outras diferenças nos trabalhos recentes sobre migrações: “menos difundidos foram as investigações sobre como a identidade não heteronormativa pode incidir na decisão de migrar, na estruturação dos projetos migratórios, na incorporação nos países de chegada, principalmente no mercado de trabalho, e como, em outro sentido, o deslocamento geográfico pode interferir na formação e transformação da identidade de gênero” (MARINUCCI, 2020).

As migrações e os deslocamentos compõem um campo fértil para a produção de conhecimento antropológico a partir de diferentes enquadramentos, escalas e períodos históricos. À luz da literatura produzida no Brasil, podemos afirmar que alguns dos paradigmas e pontos de inflexão deste campo de estudo acompanham o próprio desenvolvimento da antropologia enquanto disciplina— do período de pouca diferenciação a outras ciências sociais, passando pelo processo de institucionalização dos programas de pós-graduação, até a pluralização de cursos de graduação e pós-graduação e de variados grupos e núcleos de estudos¹⁸.

Entre o fim da década de 1990 e as décadas de 2000 e 2010 há uma pluralização do campo de estudos com foco em diferentes contextos migratórios, nacional e internacional. Boa parte destas novas pesquisas se conectam com questões abordadas na seção anterior, isto é, do contexto das políticas anti-imigratórias e de aumento do aparato de vigilância e controle das fronteiras. Destaco alguns dos temas correntes nos estudos recentes sobre migração, cujos investimentos teóricos são referências para a condução da pesquisa proposta: fluxos transnacionais e experiências de imigrantes brasileiros (FLEISCHER, 2002; ASSUNÇÃO, 2011; TOGNI, 2014; JOSEPH, 2015), refúgio (FACUNDO NAVIA, 2014; FRANÇA, 2017), prisões (BUMACHAR, 2016; PADOVANI, 2018).

Referência incontornável nos estudos sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, Teresa Sales (1999a; 1999b; 2001) investigou aspectos da identidade, ocupação de trabalho, cidadania, projetos de deslocamento e mapeou o perfil de diferentes gerações de brasileiros que migraram para os Estados Unidos. Mais tarde, outras pesquisas pioneiras foram desenvolvidas por Glaucia Assis (2002, 2004, 2007), que explorou os fluxos e itinerâncias rumo a cidades americanas e a centralidade de algumas cidades como pontos de partida destas rotas transnacionais. Atenta ao conjunto de relações de migrantes que partiam de Criciúma (SC) e Governador Valadares (MG) a autora investigou mais detidamente os rearranjos familiares e de gênero que nas experiências de mulheres imigrantes. Defendendo um enquadramento capaz de visibilizar as mulheres nos fluxos migratórias, a autora argumentou que “a maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais recentes contribuiu para problematizar as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres migrantes nesse processo” (2007, p. 747).

¹⁸ Num balanço bibliográfico acerca da produção antropológica brasileira sobre migrações, focado no período entre 1940 e 2018, Bela Feldman-Bianco, Liliانا Sanjurjo e Douglas Mansur da Silva (2020) apontam que, se no período entre 1940 e 1980, boa parte dos estudos publicados no Brasil pensava os fenômenos da migração a partir dos “contingentes migratórios que radicaram no sul e sudeste” brasileiro, onde as categorias correntes eram “imigrantes” e “imigração” e as abordagens privilegiam as ideias de “assimilação”, “aculturação ou “integração”, a partir da década de 1970 novos paradigmas deram lugar renovado ao campo, sobretudo com as noções de “grupos étnicos” e “etnicidade” (SEYFERTH, 1974). Já a década de 1990 foi marcada pelo crescente interesse em pesquisas de cunho com foco na relação entre “emigração” e “imigração” e

Refletindo justamente sobre os deslocamentos de mulheres brasileiras e travestis, dessa vez em direção à Europa, Adriana Piscitelli (2008a; 2008b; 2009; 2013) situa um conjunto de experiências, negociações e interpelações que compõem um contexto de disputas no mercado de trabalho e mercado e matrimonial naquele continente. Este conjunto de pesquisas sobre mulheres e travestis brasileiras (em sua maioria a partir da Espanha) tem contribuído enormemente tanto para a compreensão da produção de diferenças e desigualdades (onde agência tem um lugar fundamental), quanto por colocar sob rasura noções sobre “tráfico” e “exploração” de mulheres. Em suas pesquisas, as disputas e hierarquias envolvem migrantes de outras nacionalidades, imaginários racializados e um aparato legal de vigilância e criminalização. Aproximando-se dessa perspectiva, Natália Padovani (2018) nos mostra um fluxo de informações, pessoas e afetos que cruzam fronteiras nacionais no contexto das prisões femininas em Barcelona e São Paulo. Conforme a antropóloga tece, junto às interlocutoras, as narrativas sobre os afetos e amores dentro da experiência do cárcere, vemos um complexo entrecruzamento de gênero, raça e sexualidades que visibiliza, entre outras coisas, as mecânicas perversas das instituições que as criminalizam e, por outro lado, das mulheres que subvertem, vivem e convivem em contextos, à primeira vista, inóspitos.

Com atenção à produção de discursos, sujeitos, sentidos de lugar e políticas, Isadora Lins França tem se dedicado há mais de dez anos a fluxos e deslocamentos relacionados à diversidade sexual e de gênero, em diferentes contextos e escalas. A partir dos trânsitos de homens gays entre Recife, São Paulo e Barcelona, a autora pensou a produção de desejos, diferenças, hierarquias e sentidos de lugar em meio a esses deslocamentos, bem como abordou a produção de uma paisagem transnacional e de um “mercado global relacionado à homossexualidade, marcado pelas contradições entre noções de “liberdade” e pela “precariedade” vivida pelos imigrantes” (FRANÇA, 2013; 2015a; 2015b; 2016). Nos últimos anos, França (2017; 2020) tem investido esforços para compreender a emergência da categoria “refugiados LGBTI”, relacionada a sujeitos que são interpelados por essa categoria no contexto dos seus deslocamentos. A pesquisadora tem observado as ambivalências de discursos e instabilidades das categorias e dos lugares sociais mobilizados pelos seus interlocutores e enquadrados pelo Estado, explorando como as diferenças de raça, gênero, sexualidade e nação se entrelaçam às políticas anti-imigração e às políticas humanitárias.

Mais precisamente sobre os processos de racialização e sua relação com o objeto desta pesquisa, sublinho a obra “*Race on the Move*” de Tiffany Joseph (2015), que nos mostra diferenças nas

concepções de relações raciais numa esfera global, pensando os deslocamentos e trânsitos de categorias e entendimentos sobre raça que também migram com os sujeitos. Considerando as diferenças históricas entre os Estados Unidos e o Brasil no que diz respeito a raça, a Joseph (2015) se debruça sobre como as experiências de migração de brasileiros que viveram nos Estados Unidos e retornaram ao Brasil alteram os modos como estes sujeitos percebem raça, incorporando concepções do período em que viveram nos Estados Unidos. Por fim, ainda que não voltada particularmente para brasileiros, a pesquisa de Douglas Massey (2014) versa sobre a identidade latina forjada no contexto da racialização de mexicanos que se deslocavam para os Estados Unidos e o progressivo processo de diferenciação dos afro-americanos, o que abre espaço para pensar nos complexos processos de racialização que se abrem em meio aos trânsitos internacionais.

Últimas considerações ou como planejo a execução da pesquisa?

Além de partilhar parte do material que deram origem à minha pesquisa de mestrado e como cheguei a presente pesquisa de doutorado, compartilho aqui os modos pelos quais eu projeto a condução da pesquisa de doutorado. Em um contexto instável de arrocho orçamentário para a ciência e educação, somando-se à grave crise sanitária da pandemia do covid-19, projeto um período de trabalho de campo nos Estados Unidos no ano de 2023, a partir do primeiro semestre letivo (iniciando entre agosto e setembro).

Como metodologia, me apoio em estratégias já bastante consolidadas no que concerne a estudos de viés qualitativo e de abordagem “teórico-etnográfica” (PEIRANO, 2014) tal como sua qualificação a partir de um problema de pesquisa específico – no caso, aqui, a compreensão das diferenças de raça, gênero, sexualidade e nação na constituição de diferentes experiências de migração de “brasileiros LGBT” para os Estados Unidos. Num primeiro momento, conduzi uma revisão bibliográfica pautada na leitura de trabalhos que se situam no campo das migrações de modo geral e na retomada das produções antropológicas brasileiras que têm se dedicado a pensar processos de produção da diferença, particularmente aqueles envolvendo gênero, raça e sexualidade, tal como apresentei neste paper. A

revisão bibliográfica teve um duplo objetivo: 1) aprimorar meu olhar sobre os fluxos e deslocamentos socioespaciais em escala transnacional e 2) avançar na compreensão da articulação entre teoria e etnografia em trabalhos realizados sobre produção de diferenças e desigualdades no contexto de deslocamentos. Agora, tento sistematizar documentos sobre regras e protocolos de migração, pensando nas disputas, negociações e manejos de categorias e estatutos na relação entre instituições, Estados e os sujeitos, e como as experiências de meus interlocutores emergem num cenário transnacional de fluxos, deslocamentos, cerceamentos e na produção de imaginários, hierarquias e classificações.

O meu trabalho de campo consistirá na produção de uma pesquisa multissituada em que eu acompanharei meus interlocutores em seus processos de deslocamentos entre Brasil e Estados Unidos, desde os processos da preparação, nos seus itinerários e em suas experiências nos Estados Unidos. Acompanharei sujeitos de diferentes redes, a começar pelas redes que constituí durante os seis meses que vivi nos Estados Unidos, com vistas também a ampliar e a diversificar essas redes em termos de gênero. Me interessa também estabelecer contato com “brasileiros LGBT” que “abandonaram” ou “não foram bem-sucedidos” em seus deslocamentos, sujeitos retornados, bem como amigos e familiares desses sujeitos¹⁹.

Vale notar que a pesquisa nos Estados Unidos ocorrerá primordialmente em Nova York em razão das redes já estabelecidas no mestrado, como discuti brevemente na seção introdutória do projeto, pela centralidade da cidade num “circuito global de consumo” relacionado à homossexualidade²⁰ e por Nova York se constituir como um “*hub*” regional, isto é, um lugar central para o trânsito de brasileiros que

¹⁹ O interesse sobre os laços afetivos e familiares são importantes para desvelar conflitos, rupturas e, sobretudo, experiências que borram as ideias de fracasso e de sucesso migratórios tal como aponta Andréa Lobo (2020) ao se debruçar sobre os “Não-ditos, mentiras e fracassos que compunham trajetórias de migração a partir de Cabo Verde. Jack Halberstam (2011) também aponta para o “fracasso” como um lugar privilegiado de análise e o seu lugar de potencialidade, na medida em que é ali que se encontram as fissuras, dissidências e rupturas em relação às normas.

²⁰ Com vistas a um “circuito global de consumo” ligado à homossexualidade, França (2015a) argumenta que os trânsitos de informações, bens e pessoas só podem ser compreendidos à luz da produção das próprias cidades de destino dentro de um imaginário social. No contexto da produção de “cosmopolitismos”, Nova York ocupa um papel central na medida em que é enquadrada como uma “cidade global”, “moderna” e, logo, propícia à vivência e à “liberdade sexual”.

vivem nos estados considerados os principais destinos de migrantes brasileiros como, após o estado da Flórida, Nova Jersey, Connecticut e Massachussetts.

Há também outras razões para escolha de Nova York, uma delas advém da relevância da cidade como lócus para produção de etnografias sobre mobilidades, em especial àquelas sobre brasileiros (MARGOLIS, 1993; MARGOLIS, DA SILVA, 1995, PANOSSO, 2016) e sobre migração e sexualidade (GUZMÁN, 1997; MANALANSAN, 2003; LA FOUNTAIN-STOLKES, 2004; MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, 2011) e também da multiplicidade de sentidos de lugar que se produzem a seu respeito — seja por ser considerada o berço de alguns dos principais movimentos políticos e culturais negros, LGBT ou mesmo para um universo negro LGBT.

Outra esfera do estudo será a condução de entrevistas em profundidade e semiestruturadas com os “brasileiros LGBT” das redes acionadas durante o mestrado e de outras que pretendo constituir ao longo do doutorado. As entrevistas possibilitarão justamente aprofundar meu olhar sobre a trajetória dos interlocutores, suas relações familiares, seus pertencimentos, suas rotas e experiências de migração, como lidam com as burocracias, como negociam suas diferenças, como eles compreendem suas próprias experiências, o que os motivam a se deslocar e quais eram e são os seus projetos de vida. Além da pesquisa de campo nos Estados Unidos, vejo no acesso aos brasileiros retornados ou mesmo àqueles que circulam pelas redes internacionais sem fazer disso um projeto migratório permanente um caminho factível de condução desta pesquisa.

Por fim, vale notar que a etnografia multissituada proposta por Marcus (1995) é um imperativo na pesquisa, dado o dinamismo que envolve um campo marcado por “forças culturais, econômicas e políticas transnacionais”. Concordando com Togni (2014), pretendo produzir assim uma etnografia “em movimento” e num “continuum entre os lugares de análise”, evitando visões cristalizadas sobre “sociedades de origem e de destino”.

Bibliografia

ASSIS, Glaucia de Oliveira. *Estar aqui... estar lá uma cartografia da vida entre os Estados Unidos e o Brasil*. Campinas: **Nepo/ Unicamp**, 2002. (Textos NEPO, 41.)

_____, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____, Glaucia de Oliveira. **Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migrações internacionais**. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.

_____, Gláucia de Oliveira. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo-as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, p. 219-250, 2008.

_____, Glaucia de Oliveira. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos. In: Piscitelli, Adriana; Assis, Gláucia de O; Olivar, José Miguel Nieto. (Org.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. 1ed. Campinas: Unicamp/PAGU, 2011, p. 321-362.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski. **Onde a comida “não tem gosto”: estudo antropológico das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston** [tese]. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011.

APPADURAI, Arjun. **Fear of small numbers: An essay on the geography of anger**. Duke University Press, 2006.

BAILEY, Marlon M. **Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit**. Michigan: The University of Michigan Press, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu**, n.26, Campinas, 2006.

BUMACHAR, Bruna. **Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo**. 2016. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MASSEY, Douglas S. “**The Racialization of Latinos in the United States**”. In *The Oxford Handbook of Ethnicity, Crime, and Immigration*, edited by Sandre M. Bucerius, and Michael Tonry. New York: Oxford University Press. 21-40, 2014.

ERIBON, Didier. **Returning to reims**. Penguin UK, 2018.

FACUNDO NAVIA, Angela. **Êxodos e refúgios: colombianos refugiados no sul e sudeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

_____, Angela. *Una experiencia de interiorización: transformaciones y continuidades de las acciones humanitarias*. **VIBRANT (FLORIANÓPOLIS)**, v. 17, p. e17651-e17651, 2020.

FASSIN, Didier. Policing borders, producing boundaries. The governmentality of immigration in dark times. **Annual Review of anthropology**, v. 40, p. 213-226, 2011.

_____, Didier. **Humanitarian Reason: A Moral History of the Present**. Berkeley: University of California Press, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. EdUERJ, 2012.

_____, Isadora Lins. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 14, p. 13-39, 2013.

_____, Isadora Lins. "Made in Brazil": homossexualidade, diferença e desigualdade num circuito global de mercado. **Maguaré**, v. 29, n. 2, p. 143-174, 2015a.

_____, Isadora Lins. Diferencias y Desigualdades en los Desplazamientos: Turistas e inmigrantes gay brasileños entre São Paulo (Brasil) y Barcelona (España). **Estudios y Perspectivas en Turismo** (En Línea), v. 24, p. 963-981, 2015b.

_____, Isadora Lins. Vivendo em liberdade? Homossexualidade, diferenças e desigualdades entre brasileiros na Espanha. **Travessia** (São Paulo), v. 28, p. 13-28, 2016.

_____, Isadora Lins. "Refugiados LGBTI": direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **cadernos pagu**, n. 50, 2017.

_____, Isadora Lins; FONTGALAND, Arthur. Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e "refugiados LGBTI" no Norte do Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 28, n. 59, p. 49-68, 2020.

FELDMAN-BIANCO, B. Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity and Nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (eds.). **Towards a Transnational perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered**. Nova York: New York Academy of Science, 1992. p. 145-174.

_____, Bela; SANJURJO, Liliana; MANSUR DA SILVA, Douglas. Migrações e deslocamentos: balanço bibliográfico da produção antropológica brasileira entre 1940 e 2018. **BIB**, São Paulo, n. 93, pp. 1-58, 2020.

FLEISCHER, Soraya Resende. **Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussets**. Annablume, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora, v. 34, 2001.

GLICK SCHILLER, Nina; SALAZAR, Noel B. Regimes of Mobility Across the Globe, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2012.

GREWAL, Inderpal. **Transnational America: feminisms, diasporas, neoliberalisms**. Duke University Press, 2005.

GUZMÁN, Manuel. 1997. "Pa' La Escuelita con Mucho Cuida'o y por la O rillita": A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation. In NEGRÓN-MUNTANER, Frances; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.): **Puerto Rican Jam. Rethinking Colonialism and Nationalism**. Minneapolis, University of Minnesota Press, p. 209-230.

- HALBERSTAM, Jack. **The Queer Art of Failure**. Duke University Press, 2011.
- HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?" In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000: 103-133.
- JOSEPH, Tiffany D. **Race on the move: Brazilian migrants and the global reconstruction of race**. Stanford University Press, 2015.
- LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. 2004. De sexilio(s) y diáspora(s) homosexual(es) latina(s): El caso de la cultura puertorriqueña y nuyorican queer. **Debate feminista**, v. 15, p. 138-157.
- LOBO, ANDRÉA. Quando os (des)afetos -fazem famílias-. Não-ditos, mentiras e fracassos nas trajetórias de migração em Cabo Verde. **REMHU (BRASÍLIA)**, v. 28, p. 205-222, 2020.
- LUIBHÉID, Eithne. "Migrant and refugee lesbians: Lives that resist the telling." *Journal of lesbian studies* 24.2 (2020): 57-76.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; BUTTERMAN, Steven Fred. Brasileiros no Sul da Flórida novas questões sobre os imigrantes LGBT. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 2017.
- MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. 2006, vol.10, n.1, pp.121-158.
- MAHLER, Sarah; PESSAR, Patricia. "Gendered Geographies of Power: Analyzing Gender Across Transnational Spaces". **Identities**, vol. 7(4), 2001.
- MANALANSAN, Martin F. **Global divas**. Duke University Press, 2003.
- _____, Martin F. Queer intersections: Sexuality and gender in migration studies. **International migration review**, v. 40, n. 1, p. 224-249, 2006.
- MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil: an ethnography of brazilian immigrants in New York City**. Princeton University Press, 1993.
- _____, Maxine L.; DA SILVA, Sidney. A minoria invisível: imigrantes brasileiros em Nova York. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 21, p. 9-15, 1995.
- MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Yartínez. Sexílios: hacia una nueva poética de la erótica caribeña. *América Latina Hoy*, 58, p. 15-30, 2011.
- MARINUCCI, Roberto; FARIAS, Yara; SANTIN, Terezinha L. (Ed.). **Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos**. Brasília: CSEM; coedição: IMDH/Pastoral dos Brasileiro no Exterior, 2009.
- _____, Roberto. Pessoas migrantes e refugiadas LGBTI. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 28, n. 59, p. 7-13, Aug. 2020 .
- McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial – Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Unicamp, 2010
- PANOSSO, Marina Tomassini.. Brasileiros em Nova York: uma etnografia revisitada (1994-2014). 2016. Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IESP, 2016
- _____, Marina Tomassini. O Perfil dos Brasileiros em Nova York (1994-2014). **Espaço Aberto**, v. 8, n. 2, p. 57-75, 2018.

- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.
- PISCITELLI, Adriana Gracia. Sexo Tropical em um país europeu: migração de brasileiras no marco do "turismo sexual" internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 13, 2008a.
- _____, Adriana Gracia. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura** (Online), v. 11, p. 13, 2008b.
- _____, Adriana Gracia. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), v. 1, p. 177-201, 2009.
- _____, Adriana Gracia. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM, 2013.
- RIBEIRO, Bruno Nzinga. **Afronta, vai, se movimenta!: uma etnografia da cena preta LGBT da cidade de São Paulo**. . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p.165. 2021.
- SALES, Teresa. Constructing an Ethnic Identity: Brazilian immigrants in Boston, Mass. **Migration World Magazine**, v. 27, n. 1, p. 15-21, 1999a.
- _____, Teresa. Pensando a Terceira Idade da Primeira Geração de Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos. **Travessia**, v. 35, p. 32-36, 1999b.
- _____, Teresa. Segunda Geração de Imigrantes Brasileiros nos EUA. In: CASTRO, M. G. (org.). **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD)**, 2001. p. 361-374.
- SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.
- SEYFERTH, G. **A imigração alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento/SAB, 1974.
- SINFIELD, Alan. Diaspora and hybridity: queer identities and the ethnicity model. **Textual practice**, v. 10, n. 2, p. 271-293, 1996.
- TINSLEY, Omise'eke Natasha. Black Atlantic, queer Atlantic: Queer imaginings of the middle passage. **GLQ: A journal of lesbian and gay studies**, v. 14, n. 2-3, p. 191-215, 2008.
- TOGNI, Paula Christofolletti. Que brasileiras/os Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In: Adriana Piscitelli; Glaucia de Oliveira Assis; José Miguel Nieto Olivar. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. 1ªed.Campinas: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp, 2011, v. 01, p. 5-582.
- _____, Paula Christofolletti. **A Europa é o Cacém: mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal**. Tese de Doutorado em Antropologia, ISCTE, Universidade de Lisboa, 2014.
- WASSER, Nicolas; FRANÇA, Isadora Lins. **O medo de voltar para casa: revisitando o nexos entre (homo)sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio**. 2021, no prelo.